



## **FILOSOFIA E TEATRO: A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FERRAMENTA PARA CONSTRUÇÃO SOCIAL**

Klebenilson Froz Silva <sup>1</sup>

Daniel Schiochett <sup>2</sup>

**Palavras -Chaves:** Filosofia, Teatro, interdisciplinaridade.

### **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como objetivo relatar a experiência em campo de um grupo de alunos de graduação em filosofia no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), naquilo que diz respeito aos desafios e reflexões acerca do filosofar no Ensino Médio, bem como acerca dos recursos metodológicos utilizados em sala de aula, desde a observação até as visitas.

Através do PIBID pudemos obter contato inicial com o Centro de Ensino Liceu Maranhense. O Liceu, como é chamado, é a primeira escola a ofertar o ensino público no Estado, tendo sua fundação datada no ano de 1838, na cidade de São Luís do Maranhão. No decorrer de 184 anos, o Liceu se tornou de grande prestígio e referência, pois contribuiu para a formação de muitos maranhenses.

O trabalho desenvolvido pelos pibidianos partiu da proposta de usar a interdisciplinaridade entre filosofia e teatro como instrumento para facilitação do processo de ensino e aprendizagem. Esta proposta surgiu inicialmente a partir das diversas observações no Liceu Maranhense, nas quais se constatou a possibilidade de atuação dos pibidianos em um projeto artístico teatral, pensado para ser permanente no Liceu e que envolvia diretamente os professores de filosofia e língua portuguesa. Assim, foi idealizado e criado o grupo Teatro das Almas em conjunto com os alunos da própria escola que tinham disposição para as práticas teatrais.

A observação da disposição dos alunos para o teatro nos levou à conclusão de que

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [klebenilson.froz@discente.ufma.br](mailto:klebenilson.froz@discente.ufma.br);

<sup>2</sup> Professor orientador: doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, [daniel.schiochett@ufma.br](mailto:daniel.schiochett@ufma.br).



poderíamos contribuir filosoficamente de algum modo para esta prática. Mas como poderíamos fazer isso? A resposta veio a partir da reflexão no interior do nosso grupo: através de oficinas acerca de teatro grego, expondo o caráter filosófico e mitológico das peças teatrais. Com a utilização do direcionamento filosófico através do teatro apresentamos de forma lúdica e didática alguns dos principais poetas gregos (Aristófanes, Eurípedes, Esquilo e Sófocles) e os próprio gêneros teatrais da comédia e da tragédia.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente foi feita uma pesquisa de campo analisando o ambiente escolar e como poderíamos atuar. Desenvolvemos, então, um plano pedagógico relacionando filosofia e teatro, onde essa interdisciplinaridade contribuiria para o desenvolvimento pessoal de cada aluno. No segundo momento realizamos algumas exposições dialogadas acerca da mitologia grega. Estas exposições foram fundamentadas na obra “Contos e lendas” de Claude Pouzadoux, na qual o autor reúne de forma contextualizada e ilustrada variados mitos gregos que partem de “Um mundo caótico” até “Os sete contra Tebas”. No terceiro momento realizamos oficinas sobre o teatro grego e seus principais poetas, fazendo uso da obra “Teatro grego: tragédia e comédia” de Junito de Souza Brandão, obra que reúne um vasto apanhado que debuta da “Tragédia grega” até a “Comédia nova”.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como ponto de partida, embasamos teoricamente nossa ação a partir da teoria e função do mito para a cultura grega, tendo em mente que o mito é o caminho para a tragédia. Após isso, refletimos sobre o filosofar acerca dos poetas gregos e da construção dos gêneros teatrais. Conforme afirma Brandão: “A tragédia nasceu do culto de Dionísio: isto, apesar de algumas tentativas, ainda não se conseguiu negar. Ninguém pode, até hoje, explicar a gênese do trágico, sem passar pelo elemento satírico.” (BRANDÃO, 2022, p.6).

O deus Dionísio é sempre vinculado à história do teatro pelo fato de o seu culto ser palco de diversas encenações teatrais. A sua origem tem início através da relação de Zeus com uma mortal, a princesa Sêmele. E através do ato amoroso do deus com a mortal, nasceu o primeiro Dionísio que era muito esperto e conseguia fazer metamorfoses para driblar a ira dos deuses. Apesar das suas transformações, ele não conseguiu escapar da morte

encomendada por Hera (esposa de Zeus), como ato de vingança por ser “trocada” por Sêmele. Já o segundo Dionísio foi gerado após sua mãe engolir o coração do anterior, o que fez com que nascesse de parto anormal. Dionísio é intitulado de “Deus do vinho”, visto que ele teria colhido algumas uvas e feito este néctar para ser desfrutado pelos gregos. Por isso que em Atenas anualmente celebravam a festa do vinho e é por isso também que se diz que é através do culto dionisíaco que surge o trágico.

Historicamente, por ocasião da vindima, celebrava-se a cada ano, em Atenas, e por toda a Ática, a festa do vinho novo, em que os participantes, como outrora os companheiros de Baco, embriagavam-se e começavam a cantar e dançar freneticamente, à luz dos archotes e ao som dos címbalos, até cair em desfalecidos. Ora, ao que parece, esses adeptos do deus do vinho disfarçavam-se em sátiros, que eram concebidos pela imaginação popular como "homens-bodes". Teria nascido assim o vocábulo tragédia. (BRANDÃO, Junito de Souza. 2022, p.7).

De acordo com Kury (2013), o teatro nasce em Atenas na Grécia e celebra o deus Dionísio. Dionísio é um elemento fundamental da tragédia grega, pois seu mito tem como característica a vida que fica vizinhando a morte em meio a modificações da aparência e de transformações do mundo a sua volta. Os mitos sobre deuses e heróis são o fator que estabelece a tragédia. Os personagens trágicos são carregados de paixões que pulsam, levando-os a atos diversos e que justificam a existência humana, essa que não tem uma natureza estabelecida e por isso é imprevisível.

Tragédias e comédias seguiam uma mesma estrutura em sua composição, alternando partes dialogadas ou recitadas, a cargo dos atores, com cantos corais. Resguardadas as particularidades, as peças se iniciam com o prólogo, dialogado ou recitativo, no qual são apresentadas as premissas que devem reger a ação, com vistas a situar os espectadores. Segue-se o párodo, seção de natureza coral que marca a entrada do coro em cena, dando indícios de sua caracterização e do vínculo que mantém com o herói. A partir daí alternam-se episódios, em que as personagens contracenam, e estásimos, intervenções cantadas em que o coro tece comentários sobre a ação ou dirige súplicas aos deuses. Dentre os episódios encontra-se o agon, ou combate verbal em que duas personagens entram em conflito, contrapondo seus pontos de vista e argumentando até que um deles ceda. Por fim, há o êxodo, a parte final da peça, marcada pelo desenlace da trama e pela saída das personagens de cena – aliás, é esse o significado da palavra em grego. (KURY,2013, p.13).

Já a comédia, segundo Kury (2013), ocupa-se com o cotidiano, com os acontecidos diários que comovem no agora. A comédia sempre foi uma ferramenta utilizada para ironizar determinadas pessoas, como no exemplo maior de Aristófanes. Na sua comédia intitulada “As nuvens”, Aristófanes retrata o filósofo Sócrates como alguém distante da sua personalidade retratada por seu discípulo Platão. Dito isso, a comédia deste a Grécia antiga destacou-se por desconstruir situações cotidianas em prol do riso.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

O projeto está em andamento, mas já tivemos resultados e aprendizagens. O primeiro deles diz respeito à forma de atuação do próprio bolsista do PIBID na escola. O segundo diz respeito à recepção dos alunos ao projeto e à eficácia da discussão da filosofia por meio do teatro na escola. Discutirei estes pontos a seguir.

Em dezembro de 2022, ocorreu uma reunião para situar o local que os pibidianos seriam destinados no Liceu. Após observar o jardim da escola, ficamos extasiados, pois o cenário era decorado por objetos construídos pelos próprios alunos. De imediato chegamos à conclusão de que a escola possuía projetos que pretendiam desenvolver o lado artístico dos alunos. O mais plausível seria anexar a participação do PIBID a projetos da própria escola, tendo como objetivo central contribuir para os planos que já estavam em desenvolvimento.

Após nos depararmos com o grupo de teatro da escola, apresentamos a proposta para os alunos e para os professores. Houve interesse partindo dos alunos ao ouvirem a proposta. Prontamente, buscamos apoios bibliográficos e pedagógicos para sistematizar as oficinas sobre teatro grego, com apoio do professor de filosofia. Iniciamos exposições acerca da mitologia grega para 7 turmas do 1º ano, tendo como objetivo principal tratar da mitologia e convidar estes que estavam chegando na escola para participarem do grupo de teatro. O contato inicial foi proveitoso, visto que poucos alunos demonstraram desinteresse, e a maioria quis participar do projeto. Mas após as exposições, houve desistência por muitos dos alunos que *a priori* demonstraram interesse pelas oficinas.

Estas desistências nos levaram a refletir acerca dos obstáculos existentes para concretização de atividades na escola. Chegamos, então, à conclusão de que os planos e atividades pedagógicas devem estar sempre sujeitos à alteração. Dado que muitos alunos ainda estavam entusiasmados a participar do grupo de teatro, seguimos com o plano. O segundo passo iniciou com as exposições acerca do teatro grego para o grupo de teatro organizado com os alunos interessados. Utilizamos o teatro e sua linguagem para aproximar o aluno da própria filosofia. Acreditamos que, mesmo de modo não intencional, a interdisciplinaridade pressupõe o mesmo que o método freireano em razão da valorização do contexto do aluno no processo de aprendizagem, dado que é do aluno que parte o conhecimento e não o contrário.

Por fim, cabe salientar que o projeto interdisciplinar entre filosofia e teatro que estamos desenvolvendo no Liceu está de acordo com as propostas pedagógicas que preconizam o aprendizado em conformidade com as diretrizes curriculares para o Ensino Médio (DCNEM) e firmadas pela BNCC. Afirmamos isso porque tanto teatro quanto filosofia fazem parte das práticas e áreas do conhecimento que perfazem aprendizagens essenciais: percebemos que a

arte também é uma forma de pensamento e, assim, sendo, por meio da arte também acabamos desenvolvendo a atitude filosófica tão importante para a atitude crítica dos nossos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi analisado, pode-se afirmar a importância das relações entre os componentes curriculares que englobam as humanidades para o âmbito escolar e social. Teatro e filosofia aparecem como um método que engloba o artístico cultural, a historicidade humana e o pensamento crítico. Ambos, filosofia e teatro, contribuem para a existência das expressões humanas em sua plenitude, visto que estas expressões são importantes para a educação.

A educação pública necessita de métodos flexíveis e éticos para o ensino. Métodos que são justos e empáticos com a alteridade de cada aluno, e sua condição social, podendo, assim, ser ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social. Usar filosofia e teatro como método de ensino nos ajudou a compreender os aspectos comunicacionais dos elementos fundamentais para o educar.

Foi visto que um corpo que pensa e atua tem a possibilidade de contar várias histórias e dialogar junto com a sua alteridade, desde o que aconteceu nos tempos da Grécia Antiga até o que acontece na contemporaneidade. Um corpo pode contar várias narrativas e pode ressignificar o seu contexto, seja a partir da arte, da filosofia ou até mesmo a partir de uma anedota já existentes, fazendo daquele momento um ritual de passagem ou de contemplação.

## REFERÊNCIAS

- KURY, Mario da Gama. O melhor do Teatro Grego. **Ed. Jorge Zahar**, 2013.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro Grego: Tragedia e comédia. 13. **Ed. Petrópolis, vozes**, 2022.
- POUZADOUX, Claude. Contos e Lendas da Mitologia Grega. ilustrações de Frédérick Mansot; tradução de Eduardo Brandão. — São Paulo : **Companhia das Letras**, 2001.
- “BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.”